Coleção

O MUNDO DA BÍBLIA

Direção editorial: *Claudiano Avelino dos Santos*
Coordenação editorial: *Paulo Bazaglia*
Ilustrações: *Luís Henrique Alves Pinto*
Mapas: *Nova Bíblia Pastoral, PAULUS*
Fotos: *Creative Commons CC0*
Editoração, impressão e acabamento: *PAULUS*

Coleção **O MUNDO DA BÍBLIA**

1. Bíblia: comunicação de Deus em linguagem humana
2. Os profetas: vocação para a liberdade e solidariedade
3. Sapienciais: sabedoria a favor da libertação
4. Paulo: agente de pastoral e semeador de comunidades
5. Jesus: sua vida e seu projeto
6. Apocalipse: a força da resistência dos pobres
7. Os Evangelhos: testemunhos de conversão e de transformação
8. Êxodo: um projeto de liberdade nascido no coração de Deus
9. História do povo de Deus: *flashes* da caminhada bíblica
10. Métodos de leitura da Bíblia

Seja um leitor preferencial **PAULUS**.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções: **paulus.com.br/cadastro**
Televendas: **(11) 3789-4000 / 0800 16 40 11**

1ª edição, 2019

© PAULUS – 2019

Rua Francisco Cruz, 229 · 04117-091 – São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700
paulus.com.br · editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-4965-1

Luiz Alexandre Solano Rossi
Ildo Perondi

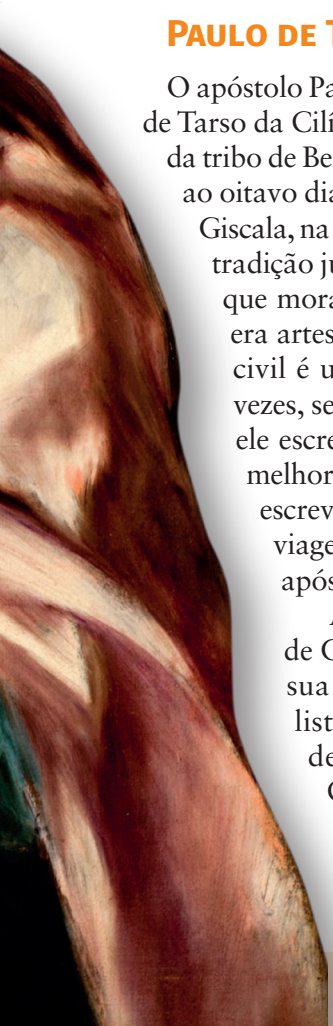
Paulo

Agente de pastoral e semeador de comunidades

PAULUS

1

A história de Paulo, suas viagens missionárias e sua ação evangelizadora



Paulo de Tarso

O apóstolo Paulo nasceu entre os anos 5 e 10 d.C., na cidade de Tarso da Cilícia (At 9,11; 21,39; 22,3). Era filho de judeus, da tribo de Benjamin e, como era o costume, foi circuncidado ao oitavo dia. São Jerônimo informa que seus pais eram de Giscala, na Galileia. Paulo cresceu seguindo a mais perfeita tradição judaica (Fl 3,5). Tinha uma irmã e um sobrinho que moravam em Jerusalém (At 23,16). Sua profissão era artesão, fabricante de tendas (At 18,3). Seu estado civil é um tanto incerto, ainda que, na maioria das vezes, se afirme que era solteiro. De fato, em 1Cor 7,8 ele escreve: "Aos solteiros e às viúvas, digo que seria melhor que ficassem como eu". Mas, em 1Cor 9,5, ele escreve: "Não temos o direito de levar conosco nas viagens uma mulher cristã, como fazem os outros apóstolos e os irmãos do Senhor e Pedro?".

Ainda jovem, foi para Jerusalém e, na escola de Gamaliel, se especializou no conhecimento da sua religião. Tornou-se fariseu, ou seja, especialista rigoroso e irrepreensível no cumprimento de toda a Lei e seus pormenores (At 22,3). Cheio de zelo pela religião, começou a perseguir os cristãos (Fl 3,6; At 22,4s; 26,9-12; Gl 1,13). Esteve presente no martírio de Estêvão, cujos mantos foram depositados

aos seus pés (At 7,58). Continuou perseguindo a Igreja (At 8,1-4; 9,1-2), até que se encontrou com o Senhor Jesus na estrada de Damasco (At 9,3-19). A experiência com Jesus mudou completamente sua vida. De perseguidor passou a ser o anunciador até sua morte, provavelmente em 68 d.C.

Era um homem bem preparado: além de conhecer bem sua religião (o que pode ser comprovado pelas muitas citações que ele faz do Antigo Testamento), possuía boas noções de filosofia e do método da retórica, bem como das religiões gregas do seu tempo, além de conhecer bem o idioma grego. Em Tarso, sua cidade natal, havia escolas filosóficas ligadas aos estoicos e cínicos, e também escolas de educadores como Atenodoro, que nasceu também em Tarso e foi professor e amigo do imperador Augusto. Algumas vezes, Paulo utiliza frases desse educador: "Para toda criatura, a sua consciência é Deus" (Rm 14,22a); ou: "Guarde para você, diante de Deus, a consciência que você tem", ou ainda: "Comporte-se com o próximo como se Deus visse você, e fale com Deus como se os outros ouvissem você" (1Ts 2,3-7). Esforçava-se para compreender o modo grego de viver e era cidadão romano (At 16,37s; 22,25-28; 23,27), embora não mencione isso em suas cartas, como se o desprezasse, pois, para ele, a verdadeira cidadania é de outro tipo (Fl 3,20). Soube, porém, tirar proveito desse título, bem como de toda a bagagem cultural adquirida, para conduzir todos a Jesus (1Cor 9,19-22).

Judeu lendo a Torá. Paulo é exemplo de dedicação ao estudo da Palavra de Deus.

Lendo suas cartas, percebemos o caráter e o temperamento do Apóstolo: às vezes, muito meigo e carinhoso, outras vezes, severo. Não abria mão das suas ideias e ameaçava com castigos quando era contrariado (1Cor 4,21). Escrevendo às comunidades, comparava-se à mãe que acaricia os filhinhos, sendo capaz de dar a vida por eles (1Ts 2,7-8). Sentia pelos fiéis as dores do parto (Gl 4,19). Amava-os, por isso se sacrificava ao máximo por eles (2Cor 12,15). Mas era também o pai que educava (1Ts 2,11), que, por meio do Evangelho, conduzia as pessoas à vida nova (1Cor 4,15). Pelas comunidades que fundou sentia o ciúme de Deus (2Cor 11,2), temendo que elas perdessem a fé. Quando se fazia necessário, exigia obediência (1Cor 4,21).

Muitas vezes, Paulo é apresentado como alguém distante do povo e das suas comunidades, incapaz de manifestar sentimentos, indiferente ao drama das pessoas, anti-feminista, moralista etc. Os que veem Paulo com esses olhos esquecem-se de suas viagens, cadeias, sofrimentos, perigos e, sobretudo, de sua paixão por Jesus e pelo povo (2Cor 11,23-29). Era capaz de amar todos os membros de todas as comunidades, sem distinção, chamando-os de "queridos" e "amados" ou "irmãos". Queria que todos fossem fiéis a Deus. Assim se tornariam seus filhos, como era Timóteo (1Cor 4,17). É interessante ler as suas cartas e observar a frequência com que ele usava expressões, tais como: tudo, todo, sempre, continuamente, sem cessar etc., expressando sua constante preocupação para com todos. Basta uma leitura mais cautelosa das suas cartas para descobrir que Paulo não é assim tão insensível e que todo o seu apostolado vem carregado de sentimentos: "Nós vos falamos com toda liberdade, ó Coríntios, o nosso coração se dilatou. Não é estreito o lugar que ocupais em nós, mas é em vossos corações que estais na estreiteza. Pagai-nos com igual retribuição; falo-vos como a filhos: dilatai também vossos corações!" (2Cor 6,11-13).

Ele encontrou dificuldade para ser aceito como apóstolo. As suspeitas vinham do fato de ter sido um perseguidor e, sobretudo, porque não foi escolhido pessoalmente por Jesus. Quatorze anos após sua conversão, subiu a Jerusalém junto com Barnabé, para o Primeiro Concílio, onde defendeu a não

circuncisão para os pagãos (At 15). Ele mesmo se defendeu das acusações (Gl 1,12, 2Cor 9,2-3; 12,1-4). Para ele, anunciar o Evangelho era uma obrigação: "Ai de mim se eu não anunciar o Evangelho!" (1Cor 9,15-17).

Em sua incansável missão de anunciar o Evangelho, Paulo sofreu muito, mas não desistiu. Ele mesmo relata algumas das situações difíceis pelas quais passou: "Muitas vezes, vi-me em perigo de morte. Dos judeus recebi cinco vezes os quarenta golpes menos um. Três vezes fui flagelado. Uma vez apedrejado. Três vezes naufraguei. Passei um dia e uma noite em alto-mar. Fiz numerosas viagens. Sofri perigos nos rios, perigo dos ladrões, perigos por parte de meus irmãos de estirpe, perigos dos gentios, perigos na cidade, perigos no deserto, perigos no mar, perigos dos falsos irmãos! Mais ainda: fadigas e duros trabalhos, numerosas vigílias, fome e sede, múltiplos jejuns, frio e nudez!" (2Cor 11,23b-27). Teve de lutar contra os falsos missionários (2Cor 11,10-13) que anunciavam um Evangelho fácil, que fugiam da humilhação e da tribulação. Anunciavam um Jesus sem a cruz. Paulo anunciava o Jesus Crucificado, ainda que isso fosse escândalo (1Cor 1,23). É importante notar que, para os judeus, alguém que fosse condenado à morte e suspenso numa árvore era considerado um maldito de Deus (Dt 21,22-23). Porém, a cruz não era o fim. O mesmo Jesus da cruz é também o Jesus Ressuscitado (1Cor 15).

A reconstrução da vida de Paulo pode ser feita mediante duas fontes principais, a saber:

1. Passagens de suas cartas autênticas, principalmente: 1Ts 2,1-2.17-18; 3,1-3a; Gl 1,13-23; 2,1-14; 4,13; Fl 3,5-6; 4,15-16; 1Cor 5,9; 7,7-8; 16,1-9; 2Cor 2,1.9-13; 11,7-9.23-27.32-33; 12,2-4.14.21; 13,1.10; Rm 11,1c; 15,19b.22-32; 16,1;

2. Passagens de Atos dos Apóstolos: At 7,58; 8,1-3; 9,1-30; 11,25-30; 12,25; 13,1-28,31.

No entanto, na reconstrução da vida de Paulo, deve-se dar preferência ao que Paulo nos conta acerca de si mesmo, pois a história de Lucas sobre a atividade missionária de Paulo está condicionada por suas pronunciadas tendências literárias e preocupações teológicas.

Paulo e os Atos dos Apóstolos

Se Lucas, na segunda parte dos Atos (16-28), fala unicamente da atividade do apóstolo Paulo, isso não significa que ele tenha sido o único missionário evangelizador. Paulo tornou-se o símbolo de todos os missionários que souberam levar a Boa-Nova de Jesus Cristo pelo mundo afora. E ele sozinho não teria atingido seu êxito, se não fosse a grande ajuda de tantas pessoas que com ele abraçaram a fé, que o acolhiam em suas casas (At 16,15.34; 18,3.7) ou que contribuíram com alguma ajuda para as suas necessidades (Fl 4,15-16; 2Cor 11,9).

Também é importante notar que nem sempre podemos ficar somente com as informações históricas que Lucas nos dá sobre Paulo. Alguns estudiosos simplesmente as ignoram, já que, lendo os Atos, descobre-se que o objetivo principal de Lucas não é tanto a informação histórica, mas a transmissão da mensagem. Outros estudiosos tomam os dados dos Atos com cautela e tentam conciliá-los com os dados das cartas, sobretudo sobre as suas viagens.

Os Atos dos Apóstolos foram escritos cerca de 15 anos após a morte do apóstolo Paulo. Como se sabe, Paulo não era muito bem-aceito em certos grupos cristãos. Lucas tentou resgatar a imagem e o trabalho evangelizador de Paulo, que é, para Lucas, a figura ideal para representar o caminho do discípulo na história. Um caminho feito de testemunhos em meio aos conflitos. Mostra, portanto, que o caminho do discípulo não é diferente do caminho do Mestre (cf. o Evangelho de Lucas). Por isso, serve-se de alguns (não todos) fatos marcantes da vida de Paulo, apresentando-os a seu modo e segundo sua visão.

A estrutura dos Atos dos Apóstolos, muitas vezes, coincide com a do Evangelho de Lucas. Mas nem sempre os Atos e as cartas coincidem nas informações. E, nesses casos, devemos dar mais crédito às cartas. Dois exemplos comprovam isso. Comparando At 17,17 e 18,5 com 1Ts 3,1a.6a, Lucas afirma: "Enquanto Paulo esperava em Atenas, ficou revoltado ao ver a cidade cheia de ídolos [...]. Quando Silas e Timóteo chegaram da Macedônia, Paulo se dedicou inteiramente à Palavra, testemunhando diante dos judeus que Jesus era o Messias". Paulo, contudo, tem outra versão: "Assim, não mais podendo

aguentar, resolvemos ficar sozinhos em Atenas, e enviamos a vocês Timóteo [...]. Agora, Timóteo acaba de chegar da visita que fez a vocês, trazendo boas notícias sobre a fé e o amor de vocês". A comparação mostra claramente a diferença. De acordo com os Atos, Paulo estava sozinho em Atenas. Quando os dois companheiros chegam, Paulo já está em Corinto. De acordo com a 1Ts, Paulo e Silas ficam sozinhos em Atenas e Timóteo vai e volta sozinho de Tessalônica. Evidentemente, deve-se dar crédito à versão de Paulo.

Outro exemplo vem de 2Cor 11,24-25, em que Paulo afirma: "dos judeus recebi cinco vezes os quarenta golpes menos um. Fui flagelado três vezes; uma vez fui apedrejado; três vezes naufraguei; passei um dia e uma noite em alto-mar". Olhando para o que Lucas diz de Paulo nos Atos, podemos perguntar: Onde estão as referências às cinco vezes em que Paulo afirma ter sido punido com as 40 chicotadas menos uma? Lucas ignora completamente as 195 chicotadas que Paulo recebeu. E onde os Atos falam de flagelações? Lucas contenta-se em narrar uma (At 16,22-23), omitindo as demais. Por quê? Certamente, porque em seus planos bastava narrar uma flagelação. Nos Atos, não se mencionam as três flagelações.

Também Lucas narra somente o grande naufrágio da quarta viagem (na qual talvez estivesse presente). E lembramos que, quando Paulo escreve suas cartas, ainda estamos na terceira viagem. E mesmo assim garante ter passado 24 horas em alto-mar. O certo, porém, é que a vida e a obra de São Paulo são bem maiores do que aquilo que nos relatam os Atos e as cartas.

Possível cronologia da vida de Paulo

Não é fácil datar corretamente a vida e a atividade de Paulo. Segue um possível esquema:

+ ano 5:	Nascimento em Tarso.
+ ano 11:	Começa a frequentar a escola na Sinagoga.

+ ano 20:	Muda-se para Jerusalém para estudar e tornar-se fariseu na Escola de Gamaliel.
+ ano 35:	Experiência no caminho de Damasco: a conversão.
Até o ano 37:	Está na Arábia, depois em Damasco e faz uma rápida viagem a Jerusalém (Gl 1,17-18).
Até os anos 44 ou 45:	Passa alguns anos em sua terra natal, Tarso.
No ano 45:	Estadia em Antioquia da Síria.
Anos 46 a 48:	Primeira viagem missionária.
Ano 49:	Em Jerusalém para o Primeiro Concílio da Igreja (At 15,1-35).
Anos 49 a 52:	Segunda viagem missionária.
Anos 53 a 58:	Terceira viagem missionária.
Anos 59 a 62:	Quarta viagem missionária.
Ano 68:	Morre mártir em Roma.

A formação de Paulo

A formação de Paulo é robusta. Vamos compreendê-la melhor lendo alguns textos bíblicos:

a "É na qualidade de Paulo, velho e agora também prisioneiro de Cristo Jesus" (Fm 9). "As testemunhas depuseram seus mantos aos pés de um jovem chamado Saulo" (At 7,58b).

Não é possível determinar a data de nascimento de Paulo. Em Fm 9, ele chama a si mesmo "velho", isto é, tendo entre 50 e 56 anos de idade, o que significaria

que nasceu na primeira década do séc. I d.C. Lucas descreve Saulo como um "jovem" em pé no apedrejamento de Estêvão, isto é, tendo entre 24 e 40 anos;

b "Pois eu também sou israelita, da descendência de Abraão, da tribo de Benjamim" (Rm 11,1b).

Paulo, em suas cartas, nunca diz onde nasceu, mas seu nome, *Paulos,* o ligaria a alguma cidade romana. Ele se orgulha de sua formação judaica e remontava sua linhagem até a tribo de Benjamim (Rm 11,1; Fl 3,5; 2Cor 11,22). Ele era um "israelita", um "hebreu, nascido de hebreus..., segundo a Lei, um fariseu" (Fl 3,6), uma pessoa que se distinguia "no zelo pelas tradições paternas" e alguém que excedia seus compatriotas da mesma idade "no judaísmo" (Gl 1,14). Ao chamar-se de "um hebreu", ele talvez quisesse dizer que era um judeu de fala grega que também sabia falar aramaico e ler o Antigo Testamento no original. Contudo, as cartas de Paulo revelam que ele conhecia bem o grego e podia escrever nessa língua e que, ao se dirigir às igrejas gentílicas, usualmente citava o Antigo Testamento em grego (LXX). Os vestígios de diatribe retórica estoica em suas cartas mostram que ele recebeu uma educação grega;

c "Eu sou judeu, de Tarso, da Cilícia, cidadão de uma cidade insigne" (At 21,39).

Lucas também apresenta Paulo como "um judeu", como "um fariseu" nascido em Tarso, cidade helenística da Cilícia (At 22,3.6; 21,39), como tendo uma irmã (23,16) e como um cidadão romano por nascimento (22,25-29; 16,37; 23,27). Se as informações de Lucas sobre as origens de Paulo estão corretas, elas ajudam a explicar tanto a formação helenística quanto a judaica de Paulo.
Na reorganização da Ásia Menor por Pompeu, em 66 a.C., Tarso se tornou a capital da província da Cilícia. Mais tarde, foram concedidas à cidade liberdade,

imunidade e cidadania por Marco Antônio, e Augusto confirmou esses direitos, o que pode explicar as ligações romanas de Paulo. Tarso era um conhecido centro de cultura, filosofia e educação. Estrabão conhecia suas escolas como superiores às de Atenas e Alexandria e seus alunos como cilícios nativos, não estrangeiros. Atenodoro Cananita, filósofo estoico e professor do imperador Augusto, retirou-se para lá em 15 a.C. e recebeu a tarefa de revisar os processos democráticos e civis da cidade. Outros filósofos, estoicos e epicuristas também se estabeleceram e ensinaram ali. Romanos famosos visitaram Tarso: Cícero, Júlio César, Augusto, Marco Antônio e Cleópatra. Por isso, o Paulo descrito por Lucas, em Atos dos Apóstolos, pode gabar-se de ser um "cidadão de uma cidade insigne" (21,39).

Jerusalém. Paulo é um cidadão urbano: de cidade em cidade ele passa semeando comunidades.

d "Eu sou judeu. Nasci em Tarso, da Cilícia, mas criei-me nesta cidade, educado aos pés de Gamaliel na observância da Lei de nossos pais, cheio de zelo por Deus" (At 22,3).

Paulo também se vangloria de ter sido "criado nesta cidade de Jerusalém e educado aos pés de Gamaliel"

(At 22,3). Embora o retrato da juventude de Paulo, delineado em Atos, vivida em Jerusalém possa explicar sua formação e seu modo de pensar semita, o próprio Paulo nunca profere uma palavra acerca desse aspecto de sua juventude. Embora o modo de argumentação de Paulo e o uso do Antigo Testamento se assemelhem aos dos eruditos judeus contemporâneos da Palestina, sua dependência das tradições rabínicas é mais suposta que provada. No final das contas, a única evidência de que Paulo foi treinado por um personagem rabínico como Gamaliel é a declaração de Atos.

A CONVERSÃO

Os Atos relatam três vezes a conversão de Paulo, e as versões nem sempre são iguais. Antes, os relatos se complementam e se justificam. A primeira vez (At 9,1-25) insere-se no contexto do martírio de Estêvão e de outras conversões. Encaixa-se entre a conversão do eunuco etíope (8,26-40) e a de Cornélio (10,1–11,18). Na segunda vez, o relato é feito aos judeus (22,1-21). E a terceira vez (26,1-23) é narrada diante das autoridades políticas (judeus e não cristãos). No plano de Lucas, os três relatos da conversão de Paulo seriam uma espécie de proclamação universal: aos cristãos, aos judeus e aos não judeus. Lucas deseja mostrar o universalismo da mensagem de Paulo.

O evento de Damasco foi sempre conhecido historicamente como a "conversão de São Paulo" (comemorada no dia 25 de janeiro). Porém, Paulo não utiliza nunca a palavra *metanoia* (*conversão*). Também o que aconteceu com Paulo não segue o sentido que, no Antigo Testamento, os profetas davam a *metanoia*: "voltar"; "retornar". Paulo não retornou ao farisaísmo, ao contrário: abandonou o rigor da Lei.

Sabemos que Paulo havia se tornado um fariseu sem reprovação (Fl 3,6b). Era o máximo que um fariseu poderia alcançar: ser chamado de "irrepreensível", isto é, que observasse toda a Lei, cumprindo seguramente os 613 preceitos. Um judeu observante seguia 613 preceitos, baseados na Lei. Desses, 365 (número dos dias do ano) são em forma negativa: "Tu não

farás...", e 248 (número dos ossos do nosso corpo) são em forma positiva: "Tu farás...". Os fariseus (palavra que significa "separados") de fato acreditavam que o Messias viria quando todo o povo cumprisse a Lei fielmente, considerando o "povo da terra" e da Galileia uns "malditos" porque não cumpriam a Lei (Jo 7,49).

A conversão é essencial para seguirmos os passos e o projeto de Jesus.

Portanto, o que Paulo faz é "encontrar" o verdadeiro caminho; encontrar-se com o Senhor. Depois da experiência no caminho de Damasco, ele volta a estudar tudo o que tinha aprendido e se dedica a conhecer a mensagem de Jesus. Sem dúvida, um longo processo até abraçar de vez o seguimento de Jesus Cristo e tornar-se o grande evangelizador.

Paulo e Jesus

Paulo seguramente não viu o Jesus histórico nem ouviu sua voz e suas palavras. Teve uma forte experiência com o Cristo Ressuscitado (At 9,3-9; 1Cor 15,8). Alguns não queriam reconhecê-lo como apóstolo pelo fato de não ter sido um dos doze apóstolos, de não ter sido escolhido por Jesus e de não ter vivido com ele.

Alguns textos das cartas dão margem a interpretações diferentes. Por exemplo, em 2Cor 5,16b, ele escreve: "Mesmo que tenhamos conhecido Cristo segundo as aparências, agora já não o conhecemos assim". Outro texto como 2Cor 12,1-6 poderia induzir a se pensar que Paulo estivesse em Jerusalém, por ocasião da Paixão do Senhor. Há quem pense que Paulo fazia parte do Sinédrio e que tenha votado pela condenação de Jesus, a partir da expressão "dei meu voto" (At 26,10). Porém, a maioria dos autores segue a linha de que Paulo, de fato, não conheceu pessoalmente Jesus e não teve contato com ele.

O apóstolo Paulo não tinha ainda em mãos os Evangelhos porque eles ainda não haviam sido escritos. Ele os trazia impressos em sua carne, marcada por toda sorte de sofrimentos (1Cor 11,21-29), a ponto de estar crucificado com Cristo (Gl 2,19), trazendo em seu corpo as marcas da Paixão de Jesus (2Cor 4,10; Gl 6,17), e completando, no seu corpo, o que faltava das tribulações de Cristo (Cl 1,24). Assim, ele podia dizer: "Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim" (Gl 2,20).

Pelos escritos do apóstolo Paulo, nós verificamos também algumas diferenças entre o seu modo de anunciar e o modo como Jesus anunciava. Jesus anunciou sua mensagem praticamente só aos judeus da Galileia, pois, segundo os Evangelhos sinóticos, só foi a Jerusalém para a Páscoa, quando foi crucificado e morto e depois ressuscitou. Paulo, por sua vez, percorreu o Império Romano e foi a Roma (capital) como parte final da sua vida, onde sofreu sua Paixão. Jesus falava em aramaico e anunciava o reino em parábolas, criadas a partir da observação atenta da vida simples do povo das aldeias. Paulo, ao contrário, embora também soubesse falar o aramaico, anunciou e escreveu em grego, porque seus ouvintes eram judeus da diáspora e pagãos que falavam a língua oficial da época. Paulo também era um bom observador da vida cotidiana, porém, sobretudo, usava as imagens da vida e da cultura urbana, das grandes cidades. Ele falava do atletismo, dos esportes, da construção civil, das paradas militares, das lutas nos estádios, da vida dos soldados etc. Por isso, tentava inculturar a mensagem de Jesus de Nazaré

Evan
ge
lho

(que viveu a maior parte do tempo na Galileia), trazendo-a para o universo da cultura grega.

A revelação recebida por Paulo

"Com efeito, eu vos faço saber, irmãos, que o Evangelho por mim anunciado não é segundo o homem, pois eu não o recebi nem aprendi de algum homem, mas por revelação de Jesus Cristo" (Gl 1,11-12).

O próprio Paulo fala dessa experiência como uma revelação do Filho concedida a ele pelo Pai (Gl 1,16); nela ele "viu o Senhor" (1Cor 9,1; 15,8). A revelação do "Senhor da glória" crucificado (1Cor 2,8) não apenas transformou o fariseu Paulo em um apóstolo, mas também fez dele o primeiro teólogo cristão. A única diferença entre esta experiência – na qual Cristo apareceu a ele (1Cor 15,8), e a experiência das testemunhas oficiais da ressurreição (1Cor 15,5-7) – era que sua visão ocorreu muito depois. Essa aparição colocou-o em pé de igualdade com os doze apóstolos e outros que tinham visto o Senhor. Paulo considerou essa revelação como um acontecimento em que ele foi "alcançado" por Cristo Jesus (Fl 3,12), e pela qual lhe foi imposta a "necessidade" de pregar o Evangelho aos gentios (1Cor 9,16; Gl 1,16b).

Essa "revelação" (Gl 1,12.16) fez Paulo perceber três fatos importantes:

a *Primeiro*: como a unidade da ação divina para a salvação de toda a humanidade se manifesta tanto na antiga quanto na nova era. Como resultado do encontro com Cristo ressuscitado, Paulo não se tornou um seguidor de Jesus que rejeitava o Antigo Testamento. O Pai que revelou seu Filho a Paulo era o mesmo a que o fariseu Paulo sempre servira. Era ele o Criador, o Senhor da história, o Deus que salvou continuamente seu povo, Israel, e que demonstrou ser Senhor da aliança, apesar das infidelidades de Israel. Provavelmente, porque fora um fariseu preocupado com as minúcias da Lei, Paulo nunca manifestou uma compreensão profunda dessa "aliança", dela falando

com pouca frequência. Todavia, sua experiência perto de Damasco não alterou seu compromisso fundamental com o "único Deus";

b *Segundo*: aquela visão ensinou-lhe o valor salvífico da morte e ressurreição de Jesus, o Messias, no plano salvífico de Deus. Se sua teologia básica não mudou, sua cristologia mudou, sim. Como judeu, Paulo compartilhava das expectativas messiânicas de seu povo (Dn 9,25), aguardando a vinda de um Messias. Mas a visão do Cristo ressuscitado ensinou-lhe que o Ungido de Deus já tinha vindo, que ele era "Jesus, nosso Senhor, o qual foi entregue pelas nossas faltas e ressuscitado para nossa justificação" (Rm 4,25). Antes de sua experiência perto de Damasco, Paulo certamente sabia que Jesus de Nazaré fora crucificado, "pendurado num madeiro" e, por isso, "amaldiçoado" segundo determina Dt 21,23 (Gl 1,13; 3,13). Indubitavelmente, essa era uma das razões pelas quais ele, como fariseu, não podia aceitar Jesus como o Messias. Jesus era "uma pedra de tropeço" (1Cor 1,23), um "amaldiçoado" pela própria Lei que Paulo tão zelosamente observava (Gl 3,13; 1,14). Mas essa revelação mostrou-lhe enfaticamente o valor messiânico, salvífico e substituidor da morte de Jesus de Nazaré, de um modo que ele nunca havia suspeitado. Com uma lógica que apenas um fariseu poderia apreciar, Paulo viu Jesus tomando sobre si a maldição da Lei e transformando-a em seu oposto, de modo que ele tornou-se o meio de libertar a humanidade da maldição. A cruz, que fora a pedra de tropeço para os judeus, tornou-se, aos olhos de Paulo, o "poder de Deus e a sabedoria de Deus" (1Cor 1,24). Daí em diante, ele entenderia este "Senhor da glória" crucificado (1Cor 2,8) como seu Messias exaltado;

c *Terceiro*: essa revelação deu a Paulo nova visão da história da salvação. Antes do encontro com o Senhor,

> Paulo via a história humana dividida em três grandes períodos: 1) de Adão a Moisés (o período sem lei); 2) de Moisés até o Messias (o período da Lei); 3) a era messiânica (o período no qual a Lei seria aperfeiçoada ou consumada). A experiência perto de Damasco ensinou-lhe que a era messiânica já tinha começado, introduzindo, assim, uma nova perspectiva na história da salvação. O "fim dos tempos", tão avidamente aguardado antes, já tinha começado (1Cor 10,11), embora um estágio definitivo dele ainda devesse ser realizado (como esperado num futuro não muito distante). O Messias viera, mas ainda não em glória. Paulo se deu conta de que ele (junto com todos os cristãos) encontrava-se numa dupla situação: uma na qual olhava para a morte e ressurreição de Jesus no passado, como a inauguração de uma nova era; outra na qual ele ainda aguardava sua vinda em glória, sua *parusia*.

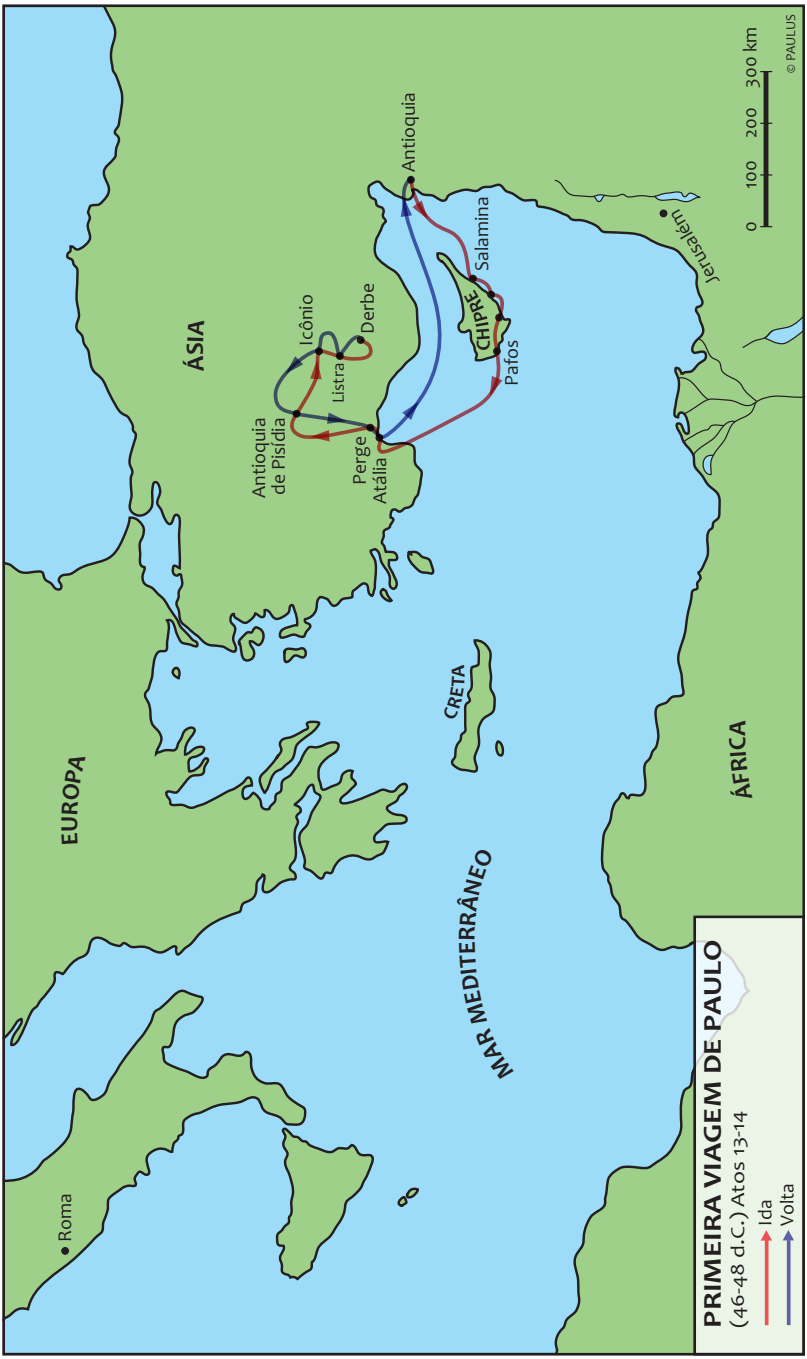
Muito mais do que seu pano de fundo farisaico, portanto, ou até mesmo de suas raízes culturais helenísticas, essa revelação de Jesus deu a Paulo uma percepção inefável do "mistério de Cristo". Ela o capacitou a moldar seu "Evangelho", a pregar a Boa-Nova fundamental de salvação de uma forma caracteristicamente sua. Contudo, Paulo não entendeu imediatamente todas as implicações da visão concedida a ele. Tal visão deu-lhe apenas uma percepção básica que iria colorir tudo o que ele aprenderia acerca de Jesus e de sua missão entre os seres humanos, não apenas a partir da tradição da igreja nascente, mas também a partir de sua própria experiência apostólica na pregação de "Cristo crucificado" (1Cor 1,23).

As viagens missionárias de Paulo

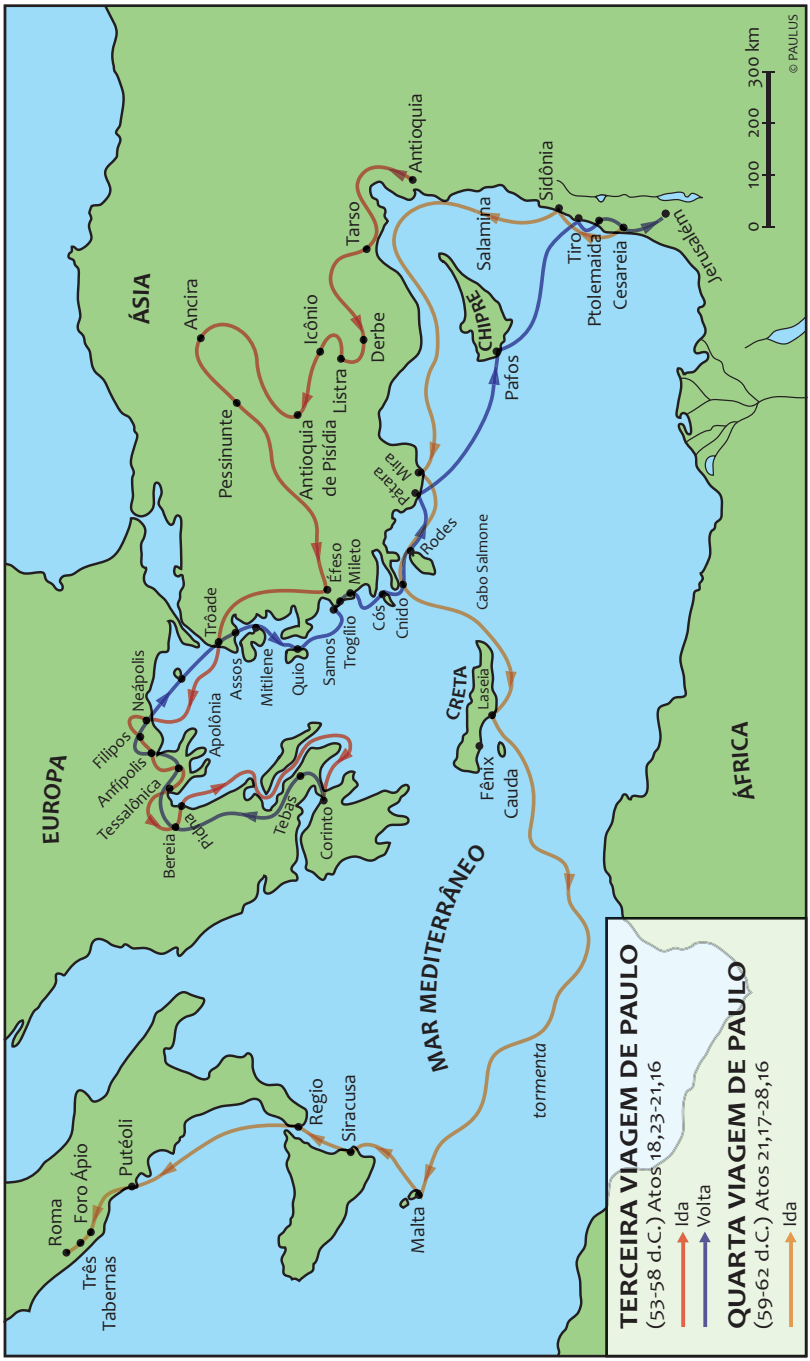
Paulo pode ser considerado um peregrino incansável. Por amor ao Evangelho, viajou muito, por mar e por terra. Caminhou pelas estradas do Império Romano mais de 15 mil quilômetros. Naquela época, as estradas romanas eram

consideradas boas para se viajar e, a cada 30 quilômetros, considerado um dia de viagem, os viajantes podiam encontrar alguma hospedaria para se protegerem, principalmente dos ladrões. Jamais podemos romantizar e/ou idealizar as viagens missionárias de Paulo. As dificuldades estavam por todos os lados. Somente uma alta consciência de sua vocação missionária o levaria a enfrentar grandes distâncias, perigos nas estradas, naufrágios, assaltos: "Perigos nos rios, perigos por parte de ladrões, perigos por parte dos meus compatriotas, perigos da parte dos pagãos, perigos nas cidades, perigos no deserto, perigos no mar" (2Cor 11,26) ; "Três vezes naufraguei. Passei um dia e uma noite em alto-mar" (2Cor 11,25). Toda sorte de situação foi por ele vivida: "Fadigas e duros trabalhos, numerosas vigílias, fome e sede, múltiplos jejuns, frio e nudez!" (2Cor 11,27). Para ele, o Evangelho sempre estava em primeiro lugar. É importante ressaltar a estratégia missionária de Paulo: ele se dirigia aos grandes centros urbanos e priorizava as pessoas da periferia, inicialmente os judeus. Todavia, após a rejeição dos judeus e os conflitos advindos, passa a evangelizar os helenistas. A partir da adesão de alguns, Paulo constituía uma pequena comunidade ao redor de uma casa de família – igreja doméstica – e, quando a comunidade adquiria condições mínimas de seguir com as próprias pernas, ele continuava sua missão de semeador de comunidades em outros locais.

Depois de sua conversão, na estrada de Damasco, o apóstolo Paulo inicia sua jornada missionária. Ele atravessa parte da Ásia Menor (atual Turquia), da Síria e da Arábia (a atual Jordânia), até chegar a Jerusalém. Depois, segue rumo à Europa, indo à Grécia e, finalmente, a Roma. Vejamos cada uma de suas viagens mais de perto:


PRIMEIRA VIAGEM DE PAULO
(46-48 d.C.) Atos 13-14
Ida
Volta
EUROPA
ÁSIA
ÁFRICA
MAR MEDITERRÂNEO
CRETA
CHIPRE
Roma
Antioquia
Salamina
Pafos
Jerusalém
Antioquia de Pisídia
Icônio
Listra
Derbe
Perge
Atália
0 100 200 300 km
© PAULUS

EUROPA
ÁSIA
ÁFRICA
Roma
Filipos
Neápolis
Tessalônica
Antípolis
Bereia
Pidna
Samotrácia
Trôade
Apolônia
Pessinunte
Antioquia de Pisídia
Icônio
Listra
Derbe
Tarso
Antioquia
Atenas
Corinto
Cencreia
Éfeso
MAR MEDITERRÂNEO
CRETA
CHIPRE
Salamina
Pafos
Cesareia
Jerusalém
SEGUNDA VIAGEM DE PAULO
(49-52 d.C.) Atos 15,39-18,22
Ida
Volta
0 100 200 300 km
© PAULUS


EUROPA
ÁSIA
ÁFRICA
MAR MEDITERRÂNEO
CRETA
CHIPRE
Roma
Foro Ápio
Três Tabernas
Putéoli
Regio
Siracusa
Malta
tormenta
Fênix
Cauda
Laseia
Cabo Salmone
Rodes
Cós
Cnido
Mileto
Éfeso
Samos
Troglio
Quio
Mitilene
Assos
Tróade
Neápolis
Filipos
Anfípolis
Tessalônica
Apolônia
Bereia
Pidna
Tebas
Corinto
Pessinunte
Ancira
Antioquia de Pisídia
Icônio
Listra
Derbe
Tarso
Antioquia
Pafos
Salamina
Sidônia
Tiro
Ptolemaida
Cesareia
Jerusalém
Mira
Pátara
TERCEIRA VIAGEM DE PAULO
(53-58 d.C.) Atos 18,23-21,16
Ida
Volta
QUARTA VIAGEM DE PAULO
(59-62 d.C.) Atos 21,17-28,16
Ida
0 100 200 300 km
© PAULUS

a *1ª viagem missionária*: foi em sua primeira viagem missionária, entre os anos 46 e 48, anunciando o Evangelho em Chipre, na Panfília, na Pisídia e em Licaônia (At 13-14), que o Apóstolo passou a usar preferencialmente o nome grego de Paulo, em detrimento de Saulo, seu nome judaico (At 13,9). Talvez seu verdadeiro nome hebraico fosse Saul, em homenagem ao primeiro rei de Israel e que também era da tribo de Benjamim. Nessa viagem, ele é acompanhado por Barnabé e, juntos, pregam a Boa-Nova da ressurreição e salvação em Jesus. Fundam algumas comunidades e, diante da não aceitação dos judeus, Paulo se volta para os pagãos;

b *2ª viagem missionária*: provavelmente ocorreu entre os anos 49-52 (At 15,36-18,22). Nessa viagem, acompanhado por Silas, tem por primeiro objetivo rever as comunidades que haviam sido fundadas no sul da Anatólia. Na cidade de Listra, encontram-se com Timóteo, que segue viagem com eles. Próximo destino, indo para noroeste, é Dardanelos e Trôade, de onde passam à Grécia. Paulo organiza as comunidades de Filipos, Tessalônica, Bereia, Atenas e Corinto. Posteriormente, volta a Antioquia, considerada sua base, passando por Éfeso e Cesareia. É importante ressaltar que, em Antioquia, pela primeira vez, os discípulos e discípulas de Jesus serão chamados de cristãos (At 11,26);

c *3ª viagem missionária*: provavelmente ocorreu entre os anos 53-58 (At 18,23-28,31). Trata-se de uma viagem para consolidar as comunidades fundadas na Anatólia e na Grécia. Nessa viagem, Paulo está acompanhado de Timóteo e de Tito. Mais tarde, embarca para Tiro, Cesareia e Jerusalém, onde é preso. Paulo discursa em sua defesa e comparece diante do Sinédrio. Diante de Festo, apela para César; apresenta-se ao rei Agripa e não perde a oportunidade de evangelizá-lo. O próprio Agripa reconhece a inocência de Paulo, mas não vê outra alternativa, a não ser enviá-lo a Roma;

d *4ª viagem missionária*: ocorreu entre os anos 59-62 (At 27,1-28,31). Trata-se, na verdade, da conhecida viagem do cativeiro. Na cidade de Roma, Paulo permanece em prisão domiciliar, durante dois anos, "pregando o Reino de Deus e ensinando com toda a liberdade as coisas pertencentes ao Senhor Jesus Cristo, sem impedimento algum" (At 28,31). A atividade de Paulo como agente de pastoral e de semeador de comunidades não cessará mesmo preso. Paulo permanece em Roma até o seu martírio, ocorrido, provavelmente, entre os anos 64 e 68.

As viagens missionárias de Paulo através dos textos bíblicos

1ª VIAGEM MISSIONÁRIA

Sai de Antioquia da Síria a Selêucia, daí por navio segue para Salamina, em Chipre.

13,2-4 ..... de Salamina a Pafos.

13,5-6 ..... de Pafos, em Chipre, a Perge, na Panfília.

13,13 ..... de Perge a Antioquia da Pisídia.

13,14 ..... de Antioquia a Icônio.

13,50-51 ..... de Icônio a Listra.

14,5-6 ..... de Listra a Derbe.

14,20 ..... de Derbe retorna a Listra e Icônio.

De Antioquia até Perge, estabelecendo igrejas nestes lugares.

14,21-23 ..... de Perge a Atalia.

14,25-2 ..... de Atalia a Antioquia da Síria, o ponto de partida.

2ª VIAGEM MISSIONÁRIA

15,40-16,1 ..... sai de Antioquia da Síria a Listra.

16,6-8 ..... de Listra a Trôade.

16,11-12 ..... de Trôade a Filipos.
16,40-17,1 ..... de Filipos a Tessalônica.
17,10 ..... de Tessalônica a Bereia.
17,14-15 .....de Bereia a Atenas.
18,17 ..... de Atenas a Corinto.
18,18-19 ..... de Corinto a Éfeso.
18,21-22 .....de Éfeso a Jerusalém.
18,22 .....de Jerusalém a Antioquia.

3ª VIAGEM MISSIONÁRIA

18,22-23 ..... de Antioquia da Síria à Galácia.
19,1 .....da Galácia, através da Frígia, a Éfeso.
20,1-2 ..... de Éfeso, através da Macedônia, a Corinto.
20,3-6 ..... de Corinto, através da Macedônia, a Trôade.
20,13-15 ..... de Trôade, por mar, a Mileto.
21,1-3 ..... de Mileto, através de Rodes e Pátara, a Tiro.
21,7-15 ..... de Tiro, através de Cesareia, a Jerusalém.

4ª VIAGEM MISSIONÁRIA

23,31-33 ..... de Jerusalém a Cesareia.
27,2-3 .....de Cesareia a Sidônia.
27,5 .....de Sidônia, costeando a Cilícia e a Panfília, até Mirra.
27,13-28 ..... de Mirra, costeando até Cnido e daí a sudoeste, passando por Clauda, até a ilha de Malta.
28,11-12 .....de Malta a Siracusa.
28,13 ..... de Siracusa a Régio e Putéoli.
28,15-16 .....de Putéoli, através do Foro de Ápio e as Três Tabernas, até Roma.